

A COMPREENSÃO LEITORA DE JOVENS E ADULTOS: PRÁTICA SOCIAL E POLÍTICA

READING COMPREHENSION AMONG YOUNG PEOPLE AND ADULTS: A SOCIAL AND
POLITICAL PRACTICE

COMPRESIÓN LECTORA EN JÓVENES Y ADULTOS: UNA PRÁCTICA SOCIAL Y
POLÍTICA

Alessandra Rodrigues Lima¹

Daniele dos Santos Rosa²

RESUMO: O presente artigo levanta conceitos e reflexões sobre a importância do domínio da compreensão leitora como ferramenta de construção de identidade e transformação das pessoas e do contexto social em que estão inseridas. Tem como metodologia a pesquisa exploratória e o estudo bibliográfico de alguns dos principais autores que discorrem sobre o tema, como Bakhtin (2014), Koch (2011), Marcuschi (2010), Soares (2011), Freire (2024), Saviani (2008) e Cobucci e Machado (2023). Desse modo, este estudo apresenta relações dialógicas que se entrelaçam e se constituem em reflexões que direcionam para uma práxis educativa emancipadora e libertadora.

Palavras-chave: Leitura. Transformação. Sociedade.

ABSTRACT: This article raises concepts and reflections on the importance of mastering reading comprehension as a tool for identity construction and transformation of individuals and the social context in which they are embedded. Its methodology is exploratory research and a bibliographic study of some of the main authors who discuss the topic, such as Bakhtin (2014), Koch (2011), Marcuschi (2010), Soares (2011), Freire (2024), Saviani (2008), and Cobucci and Machado (2023). Thus, this study presents dialogical relationships that intertwine and constitute reflections that point towards an emancipatory and liberating educational praxis.

Keywords: Reading. Transformation. Society.

RESUMEN: Este artículo plantea conceptos y reflexiones sobre la importancia de dominar la comprensión lectora como herramienta para la construcción y transformación de la identidad de las personas y del contexto social en el que se insertan. Su metodología consiste en una investigación exploratoria y un estudio bibliográfico de algunos de los principales autores que abordan el tema, como Bakhtin (2014), Koch (2011), Marcuschi (2010), Soares (2011), Freire (2024), Saviani (2008) y Cobucci y Machado (2023). Así, este estudio presenta relaciones dialógicas que se entrelazan y constituyen reflexiones que apuntan hacia una praxis educativa emancipadora y liberadora.

Palabras clave: Lectura. Transformación. Sociedad.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT.

² Professora Pós-Doutora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB.

INTRODUÇÃO

As reflexões apresentadas neste estudo decorrem de uma problemática observada entre jovens e adultos que, embora já tenham passado pelo processo de alfabetização, ainda apresentam dificuldades significativas de compreensão leitora, revelando que, para grande parte desses estudantes, essa habilidade é limitada.

Nessa perspectiva, o trabalho em questão objetiva estimular a discussão e a reflexão sobre o desenvolvimento da compreensão leitora de jovens e adultos, tendo a leitura como ferramenta de reflexão crítica, interação social e transformação pessoal e coletiva, a partir de práticas que valorizem a pluralidade de significados, contextos sociais e ideologias presentes nos textos. Especificamente propõe explorar os conceitos de língua, linguagem, signo e leitura como ferramentas sociais e ideológicas, destacando suas influências na formação do pensamento crítico; evidenciar a prática de leitura crítica baseada nos princípios de Paulo Freire, incentivando o protagonismo dos educandos no processo de leitura e interpretação do mundo ao seu redor; destacar a formação dos estudantes como agentes transformadores, capazes de utilizar a leitura como ferramenta para questionar e superar desigualdades sociais e culturais.

Nesse âmbito evidenciar-se-á autores como Paulo Freire, Bakhtin, Ingedore Koch, Marcuschi, Magda Soares, Saviani, Cobucci e Machado com seus conceitos e reflexões sobre leitura, linguagem, língua, signo, letramento, alfabetização, alfabetização de jovens, adultos e idosos, alfabetismo, educação e política para embasar essa discussão e reflexão. Nesse sentido, a metodologia utilizada foi, inicialmente, uma pesquisa exploratória e estudo bibliográfico.

2

MÉTODOS

Este trabalho se desenvolve a partir de uma pesquisa exploratória e estudo bibliográfico, que tem por finalidade “coletar referências disponíveis sobre determinado tema em diferentes formatos, como livros, capítulos, artigos, dissertações e teses” (Mattar e Ramos, 2021p. 58). “(...) Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas.”(Gil,2002 p.44).

Desse modo, concentrou-se os esforços em alguns dos principais autores que discorrem sobre o tema, como Bakhtin (2014), Koch (2011), Marcuschi (2010), Soares (2011), Freire (2024), Saviani (2008) e Cobucci e Machado (2023). Nessa perspectiva, este estudo apresenta relações dialógicas que se entrelaçam e se constituem em reflexões que direcionam para uma práxis educativa emancipadora e libertadora.

COMPREENSÃO LEITORA COMO MEIO DE EMANCIPAÇÃO

Bakhtin (2014) diz que a fala é um fenômeno social fundamental para a linguística, indissociável das condições de comunicação e das estruturas sociais. Ele destaca sua dinâmica, marcada por conflitos de classe e relações de poder, e afirma que a evolução linguística é influenciada principalmente por fatores sociais externos. Ele concebe o signo linguístico como vivo e ideológico, refletindo mudanças sociais, e critica a abordagem sincrônica de Saussure por desconsiderar essas dinâmicas e pensar a língua como um sistema homogêneo e abstrato.

O autor continua afirmando que o signo linguístico, por sua natureza, é dinâmico e plurivalente, sendo influenciado por fatores como entonação, contexto social e conteúdo ideológico. Sua significação varia de acordo com o “tema” específico que o situa, o que reflete sua mutabilidade. A abordagem dialética resolve a tensão entre a unicidade e a pluralidade dos significados, contrapondo-se ao objetivismo abstrato que busca fixar a palavra em um sentido único, como nos dicionários. Essa visão estática, atende aos interesses da classe dominante ao limitar a diversidade interpretativa do signo.

Desse modo, pode-se inferir que a língua é dinâmica, reflete as transformações da sociedade, é ferramenta de embates ideológicos e por isso carregada de ideologias. E ao pensar o signo de forma estática, neutra, imóvel é corroborar com o pensamento da classe dominante, que usa desse entendimento para manipular e alienar.

Nessa perspectiva, “A filosofia marxista da linguagem deve colocar como base de sua doutrina a enunciação, como realidade da língua e como estrutura sócio-ideológica” (Bakhtin, 2014, p. 16). O signo linguístico, intrinsecamente ideológico, reflete as dinâmicas sociais. A linguagem, modelada pela ideologia, influencia a consciência e o pensamento humano, que também interagem com ela de forma recíproca. Assim, o signo ideológico é o elo que une o desenvolvimento psíquico e a expressão ideológica em um processo de interação dialética contínua.

Bakhtin destaca sua visão sobre o caráter contínuo do processo linguístico e sua relação com a ideologia. Ele considera que a palavra é o meio principal de transmissão ideológica. Sendo a ideologia uma superestrutura que reflete as transformações sociais da base, as mudanças na sociedade são perceptíveis na língua, que atua como um reflexo e indicador dessas transformações. Ele “define a língua como expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material” (Bakhtin, 2014, p. 17).

Nesse âmbito, o autor ainda enfatiza que a palavra nunca é neutra, está inevitavelmente associada a um significado ideológico ou de vivência. As pessoas compreendem as palavras a partir de suas ressonâncias emocionais, sociais ou ideológicas e reagem apenas àquelas que evocam conexões significativas com sua própria experiência ou visão de mundo.

Ainda nesse contexto, Ingedore Koch (2011) explicita que a argumentação é a função principal da linguagem, em oposição à visão predominante de que a comunicação é seu objetivo mais importante. Segundo essa perspectiva, o ato linguístico fundamental é argumentar, o que vai além de simplesmente transmitir informações. A argumentação ocorre por meio de discursos construídos para expressar intenções, utilizando estratégias de falar, dizer e mostrar. “Desta forma, a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade” (Koch, 2011, p. 15).

Assim sendo, a linguagem é intencional que age sobre o mundo, carregada de ideologias, sua principal função não é apenas a comunicação. Essa perspectiva ressalta o caráter argumentativo da linguagem, evidenciando sua função ativa e direcionada.

Nesse sentido, convém ressaltar que o ensino da língua portuguesa deve ir além da gramática, com ênfase no desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos. O objetivo principal é que os alunos aprendam a refletir sobre o mundo e utilizem a língua como ferramenta de interação social, sendo capazes de compreender, analisar, interpretar e produzir textos (Koch, 2011).

Ainda falando sobre argumentatividade, Koch (2011) discorre que as interações humanas com a natureza e entre os próprios indivíduos são mediadas por símbolos, sendo a linguagem um elemento central. Enquanto a Semântica analisa a linguagem como representação do mundo, a Pragmática estuda sua função nas interações sociais. A argumentação é uma característica essencial do discurso humano, utilizado para expressar juízos de valor e influenciar comportamentos ou opiniões. Assim, todo discurso carrega uma ideologia, mesmo quando aparenta neutralidade, já que a própria ideia de neutralidade é, em si, ideológica.

Koch (2011) também explica a diferença entre frase e discurso. A frase representa uma unidade sintático-semântica, o discurso constitui uma unidade pragmática, utilizada para produzir efeitos e promover interações sociais. Ao produzir um discurso, o indivíduo apropria-se da língua não apenas para transmitir mensagens, mas para afirmar sua identidade como "eu"

e, simultaneamente, construir o "outro" como interlocutor, em um processo de trocas e representações mútuas.

Levando em consideração os apontamentos apresentados até o momento, a autora discorre sobre a relevância do ensino da leitura inspirada por Paulo Freire. Koch (2011) afirma que o ensino da leitura, nas aulas de língua materna, desempenha um papel crucial na formação dos alunos. De acordo com os preceitos de Paulo Freire, é fundamental que o educando seja preparado para assumir o protagonismo no ato de ler. Essa preparação exige que ele desenvolva a habilidade de compreender profundamente os textos, sendo capaz de reconstruí-los e reinventá-los com base em seu contexto e vivência pessoal.

Ao educador cabe o desafio de estimular uma postura crítica no aluno, capacitando-o a "ler o mundo" em que está inserido e, gradualmente, a compreender diferentes perspectivas. Nesse sentido, as aulas de leitura devem conscientizar o aprendiz sobre os múltiplos níveis de significação presentes em um texto, que incluem não apenas os significados explícitos, mas também aqueles implícitos, relacionados à intencionalidade do autor. É nesse nível que se manifestam os objetivos do produtor textual, os efeitos pretendidos sobre o leitor e as formas como o texto representa a realidade, o outro e o próprio autor.

A interpretação textual, assim, baseia-se no entendimento das intenções do produtor, que devem ser captadas pelo leitor para uma compreensão efetiva. Cada texto abre espaço para múltiplas interpretações, uma vez que as intenções do autor podem ser variadas.

Desenvolver essa competência de leitura é essencial para formar estudantes ativos no processo de leitura, tanto em sala de aula quanto em contextos externos, fortalecendo sua competência linguística e comunicativa. Dessa forma, o aluno deixa de ser um receptor passivo para se tornar um agente transformador no ato de ler e interpretar o mundo ao seu redor.

Uma vez que realizamos alguns esclarecimentos sobre língua, linguagem, signo, leitura, convém agora falar sobre o letramento enquanto prática social. Marcuschi (2010) aborda o conceito de letramento entendido como prática social vinculada ao uso da escrita, possui uma história complexa e contraditória. Na sociedade moderna, a escrita transcende sua natureza tecnológica, sendo indispensável para a sobrevivência e a interação social, tanto em áreas urbanas quanto rurais. Sua importância não decorre de características intrínsecas, mas de sua disseminação histórica e valorização social, que a associaram a desenvolvimento, educação e poder.

De acordo com esse autor, o conceito de letramento vai além da simples aquisição da escrita, o verdadeiro letramento envolve a participação em eventos significativos de uso social da linguagem escrita, que também se desenvolvem fora do ambiente escolar. A escrita, em interação direta com a oralidade, é utilizada em diversos contextos sociais, como trabalho, família e cotidiano, com finalidades e formas que variam conforme as circunstâncias. “Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita” (Marcuschi, 2010, p. 21).

Assim, é fundamental que a escola considere essas variações, adequando a seleção de textos e o ensino dos níveis de linguagem para atender às necessidades reais dos alunos e ampliar sua compreensão do uso da linguagem e da escrita nos diferentes contextos sociais.

Soares (2011), nos traz esclarecimentos importantes sobre a alfabetização, afirmando que a alfabetização, em seu sentido pleno, vai além da mera conversão entre o oral e o escrito. Embora os debates enfoquem frequentemente o domínio técnico da leitura/escrita ou sua função expressiva, há também um aspecto social relevante: a alfabetização assume diferentes significados conforme os contextos culturais, econômicos e tecnológicos. Assim, uma teoria abrangente de alfabetização deve integrar as dimensões técnica, expressiva e social, reconhecendo suas especificidades e funções em diferentes realidades.

A autora enfatiza que a alfabetização é um fenômeno complexo e multifacetado, composto por diversas habilidades que têm sido estudadas de forma fragmentada por diferentes áreas do conhecimento, como psicologia, psicolinguística, sociolinguística e linguística. Para construir uma teoria coerente, seria necessário integrar essas perspectivas distintas superando a visão isolada e as possíveis incoerências nas análises.

Outra questão importante que deve ser observada nesse processo de alfabetização que Soares (2011) traz ao debate é o impacto das diferenças referentes ao dialeto no processo de alfabetização. Quando uma pessoa entra na escola, ela já domina um dialeto da língua oral, que pode estar mais ou menos distante da norma padrão usada na escrita. Essa disparidade envolve aspectos fonológicos, lexicais, morfológicos e sintáticos, e afeta significativamente a alfabetização, que não pode ser vista como um processo neutro. A escrita está profundamente ligada a valores culturais e ao contexto socioeconômico. Por isso, a alfabetização é um processo complexo e interdisciplinar, que exige a integração de estudos psicológicos, psicolinguísticos e sociolinguísticos para a formulação de uma teoria coerente.

Há uma outra questão muito importante que deve ser considerada na alfabetização: os aspectos sociais e políticos que influenciam diretamente o processo de aprendizado da leitura e da escrita na escola. Podemos dizer que a escola atribui à alfabetização um caráter instrumental que beneficia as classes privilegiadas, permitindo-lhes consolidar seu domínio político e cultural. Por outro lado, essa abordagem limita as classes dominadas, privando-as de compreender o potencial político da alfabetização, perpetuando a dominação e as desigualdades estruturais.

Para Soares (2011), o alfabetismo não é apenas a condição individual de habilidades de leitura e escrita, mas configura-se como uma prática social vinculada a contextos específicos. Há de se considerar ainda que as habilidades de leitura e escrita não são neutras, mas, ao contrário, estão inseridas em práticas sociais que refletem e influenciam processos sociais mais amplos. Essas práticas podem tanto perpetuar valores, tradições e padrões de poder quanto servir para questioná-los, dependendo do contexto em que estão inseridas.

A dimensão social do alfabetismo pode ser compreendida por duas perspectivas: uma pragmática, que enxerga o alfabetismo como essencial para a funcionalidade na sociedade atual, e outra revolucionária, que vê nele um instrumento de transformação social. Ambas as visões implicam que o conceito de alfabetismo é relativo, variando conforme a estrutura social, o momento histórico e os projetos políticos vigentes.

A autora destaca que o alfabetismo, devido a sua complexidade, a diversidade de suas relações com a sociedade e a cultura, não pode ser definido por um conceito universal. Suas múltiplas dimensões permitem análises baseadas em distintas perspectivas teóricas e metodológicas, que podem enfatizar diferentes aspectos, como suas dimensões sociais ou individuais.

Apesar de todas essas especificidades e complexidades, Paulo Freire desenvolveu uma abordagem de alfabetização que transcende o ensino de habilidades técnicas, inserindo-a em uma concepção educativa voltada à prática da liberdade e à conscientização. Sua visão inovadora transformou a alfabetização em um meio de democratização cultural e de estímulo à reflexão crítica sobre o mundo e a posição do indivíduo na sociedade. Nas palavras do próprio mestre:

Só assim a alfabetização cobra sentido. É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre o seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre a própria alfabetização, que deixa assim de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, como uma criação. Só assim nos parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa

significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim a alfabetização tem sentido. Na medida em que o homem, embora analfabeto, descobrindo a relatividade da ignorância e da sabedoria, retira um dos fundamentos para a sua manipulação pelas falsas elites. Só assim a alfabetização tem sentido (Freire, 2024, p. 180).

O método Paulo Freire é uma abordagem que ultrapassa o ensino técnico da leitura e escrita, possibilitando ao indivíduo condições de refletir criticamente sobre as palavras e expressar sua própria voz. A alfabetização, nesse método, é parte de um processo educativo contínuo que busca a humanização e a transformação do mundo. Ao aprender a dizer sua palavra, o ser humano afirma sua condição essencial, constituindo a si mesmo e sua relação com a coletividade. Esse princípio fundamenta toda a pedagogia freireana, desde a alfabetização até os níveis mais avançados da educação.

Para Freire, alfabetizar-se é compreender criticamente a cultura como uma construção histórica e transformar o ato de ler em um exercício de criação e expressão própria. Esse processo permite que o indivíduo se conscientize de sua condição histórica e participe ativamente da construção do futuro. Por outro lado, a educação baseada na repetição despersonaliza e aliena, enquanto o aprendizado crítico possibilita a humanização e a conscientização histórica. Assim,

A existência porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que homens transformam o mundo. Existir humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciar-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumanizante continue. Se é dizendo a palavra com que, pronunciando o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial (Freire, 2024, p. 108-109).

A palavra entendida como práxis, não pode ser um privilégio, é um direito de todos, essencial para a humanização, e o diálogo é fundamental nessa construção, não é apenas um meio de expressão, mas uma exigência fundamental para a transformação e o reconhecimento humano. A habilidade de “dizer o mundo” é o que humaniza o indivíduo, marcando o início da história e da cultura.

Os autores aqui apresentados, ao discorrerem sobre língua, linguagem, signo, leitura, alfabetização expressam a preocupação em evidenciar que todos esses conceitos são carregados de ideologias intencionalidades e influenciados pelo contexto. E, dessa forma, o domínio da compreensão leitora é essencial na formação do estudante jovem e adulto. Torna-se urgente proporcionar a esses estudantes a oportunidade de se constituírem como pessoas na sua integralidade, capazes de se transformarem e intervirem de forma efetiva em seus contextos sociais, caminhando para a construção de uma sociedade menos desigual.

Nessa perspectiva, vale evidenciar o papel do professor. Para Saviani (2008), o professor tem de ser capaz de vincular a sua prática com a prática social global, o desenvolvimento do seu trabalho deve ocorrer a partir da problematização da prática social articulada às especificidades das disciplinas com o objetivo de transformar qualitativamente a prática dos estudantes como agentes sociais.

Saviani também reforça a ideia de que “toda prática educativa, como tal, possui uma dimensão política assim como toda prática política possui, em si mesma, uma dimensão educativa” (Saviani, 2008, p. 68); ou seja, a dimensão educativa da política envolve capacidade de luta e convencimento de engajamento na mesma luta contra os hegemônicos; a dimensão política da educação consiste na manipulação das massas. Então educação e política são manifestações da prática social própria da sociedade.

9

Diante desse contexto, o autor explicita que em uma sociedade dividida em classes, a classe hegemônica não tem interesse no surgimento da verdade, visto que revelaria a dominação que exerce sobre as outras classes. Já a classe dominada busca a verdade, como forma de engajamento na luta pela liberdade.

Podemos dizer que a política na educação é importante porque consiste na sua função de socialização do conhecimento. Dessa forma, a prática educativa proporciona a superação dos antagonismos sociais, o fim da dualidade de classes. “Nesse sentido, devemos considerar que as diferenças quanto à classe social, aos valores culturais, bem como as diferenças regionais influenciam o comportamento linguístico” (Cobucci; Machado, 2023, p. 15).

As autoras, com base nos princípios freirianos, destacam a importância da educação de jovens, adultos e idosos ser capaz de motivar os estudantes em direção aos seus próprios objetivos, proporcionando não apenas o ensino de conteúdos, mas também a formação de uma consciência crítica. Isso promove uma prática educativa que é ao mesmo tempo uma prática política, afinal:

A leitura crítica do mundo torna-se, assim, alimento imprescindível para as práticas educativas da EJA. Parte-se dos(as) estudantes adultos(as), cidadãos(ã), sujeitos trabalhadores na maioria das vezes, respeitando seu cotidiano, seus sonhos e dúvidas como ponto de partida para ampliação dos seres (Cobucci; Machado, 2023, p. 9).

Desse modo, é evidente a importância de se ter como ponto de partida os objetivos e a realidade concreta dos estudantes, as experiências dos adultos devem ser valorizadas, mas também ampliadas e superadas de forma gradual por meio de uma visão crítica, construída com base nos conteúdos trabalhados em sala e mediada pela atuação do educador.

Nessa perspectiva, as autoras enfatizam a importância do ensino da gramática normativa não ser um privilégio e também não ser um conteúdo exclusivo quanto a prática de ensino da língua materna. Ainda nesse contexto, evidenciam que proporcionar aos estudantes a participação em várias práticas sociais que utilizam a leitura e a escrita de maneira ética, crítica e democrática deve ser um dos principais objetivos da escola. “Nesse sentido, é preciso que o programa de ensino de Língua Portuguesa da EJA apresente estratégias que permitam a inclusão dos(as) estudantes em práticas efetivas e relevantes de uso da língua” (Cobucci; Machado, 2023, p. 17).

Nesse sentido, convém ressaltar que o ensino de Língua Portuguesa no contexto da EJA deve ser planejado levando em conta a diversidade linguística e priorizando o uso real da língua em diferentes contextos sociais. O ensino da linguagem deve considerar as necessidades, vivências e interesses dos educandos.

Para que isso seja possível, Cobucci e Machado (2023) falam da investigação diagnóstica para identificação das necessidades educacionais, anseios e contexto dos estudantes, evidenciam também a importância da escuta:

[...] A escuta é a porta de entrada para o acolhimento e para a criação do pertencimento do(as) estudantes da EJA ao contexto escolar, o que é essencial quando tratamos de sujeitos que já sofreram processos de exclusão. Criar o lugar da escuta pressupõe valorizar a voz do outro, acolhê-la, respeitá-la (p. 19).

Esse processo inicial viabiliza a condução do trabalho, de forma a proporcionar condições materiais e subjetivas para o alcance dos objetivos relacionados a uma prática educativa que se desenvolva de maneira efetiva para a formação integral desse estudante.

É oportuno registrar que as autoras, assim como Marcuschi (2010), também afirmam o letramento como prática social:

[...] o letramento é entendido como uma prática social e política, envolvendo não somente a aquisição de conhecimentos técnicos, mas também a compreensão dos contextos sociais, históricos e culturais em que a leitura e a escrita ocorrem. Especialmente na educação de jovens, adultos e idosos, a Pedagogia dos letramentos na abordagem crítica desempenha um papel fundamental, porque possibilita que os(as)

educandos(as) não só adquiram as habilidades de leitura e escrita necessárias para a participação plena na sociedade, mas também desenvolvam uma consciência crítica sobre as estruturas de poder e desigualdades sociais e possam, assim, se engajarem de forma ativa na transformação social (Cobucci; Machado, 2023, p. 27).

A prática pedagógica desenvolvida sob esse viés valoriza as vivências e os contextos sociais dos estudantes, ele torna-se protagonista no processo de ensino. Esse diálogo entre conhecimento técnico e experiência de vida dos estudantes promove a construção coletiva do conhecimento. Todo esse processo favorece o desenvolvimento de uma consciência crítica e cidadã.

As autoras ainda afirmam que:

A leitura e a escrita abrem portas para um mundo de conhecimentos; proporcionam desenvolvimento intelectual e social; tornam possível, por exemplo, conhecer pessoas, divertir-se, buscar e conquistar direitos, cumprir deveres, cuidar da saúde física e mental, cultivar a fé, alimentar-se bem e relacionar-se bem consigo mesmo e com os outros. Esses são alguns dos motivos que levam jovens, adultos e idosos que não tiveram oportunidade de concluir a escolarização básica na idade esperada a voltarem para a sala de aula, agora em uma turma de EJAI (Cobucci; Machado, 2023, p. 32).

Diante do exposto, Cobucci e Machado evidenciam, em seu livro, dentre conceitos e proposições relacionados, a educação linguística de jovens, adultos e idosos, que a compreensão textual perpassa por algumas etapas como identificar as informações explícitas no texto, a intencionalidade discursiva, diferenciar fato de opinião, além disso, o leitor deve refletir sobre o que foi lido:

Relacionar o texto ao seu conhecimento de mundo; avaliar e analisar de forma consciente as ideias, os argumentos, as estratégias retóricas, as intenções do autor e os possíveis vieses que um texto pode apresentar; tirar conclusões a partir da leitura realizada e fazer julgamentos sobre as ideias expostas. É importante também que o leitor seja capaz de processar, criticar, contradizer e avaliar as informações que estão diante dele a partir de seus conhecimentos de mundo (Cobucci; Machado, 2023, p. 65).

As autoras reiteram também a importância da escola trabalhar com os estudantes a competência comunicativa oral, “tanto em relação à produção do conteúdo da expressão oral quanto em relação à forma de manifestação” (Cobucci; Machado, 2023, p. 73). Dentro desse contexto, explicitam também sobre as competências linguísticas, que são habilidades de refletir sobre a própria língua, ou seja, as estruturas, convenções e variações linguísticas. Trabalhar esses pontos é essencial para o desenvolvimento da compreensão leitora.

Cobucci e Machado (2023) também nos chama a atenção para o fato de que na atualidade, as práticas de linguagem não apenas incluem novos gêneros e textos marcados pela presença de múltiplas linguagens e mídias, mas também diferentes modos de leitura, produção, organização, compartilhamento, reprodução e interação. Portanto, torna-se essencial que o estudante

desenvolva a habilidade de interagir com esses textos multissemióticos, compreendendo suas características e especificidades.

Dentro desse contexto as autoras discorrem sobre os desafios dos professores de Língua Portuguesa em elaborar estratégias pedagógicas capazes de incentivar os estudantes a prática da leitura de textos multimodais que transitam em diferentes ferramentas discursivas com interesse e consciência crítica, pois “O trabalho com gêneros multimodais a partir do uso de tecnologias digitais pode estimular a reflexão sobre diferentes linguagens (...)” (Cobucci; Machado, 2023, p. 82).

Diante do exposto, cabe ressaltar o que as autoras trazem a respeito da Educação de jovens, adultos e idosos integrada a educação profissional:

A educação de jovens, adultos e idosos integrada à educação profissional parte do princípio da importância de se associar elevação da escolaridade à profissionalização em uma perspectiva de formação integral do(a) educando(a). Nessa perspectiva, o sujeito da EJAI deve compreender a realidade do mundo do trabalho para inserir-se nele. Não basta formar exclusivamente para o exercício de atividades laborais, é preciso ir além e permitir a compreensão das dinâmicas sociais e produtivas para o exercício crítico de uma profissão. Para isso, é preciso garantir uma educação para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão e cidadã pertencente a uma comunidade, a um país (Cobucci; Machado, 2023, p. 98).

Para que ocorra essa integração entre educação de jovens, adultos e idosos e a educação profissional é importante entender o contexto educacional e a realidade vivida pelos estudantes, com base em uma reflexão teórica consistente, integrando teoria e prática, promovendo uma ação pedagógica transformadora.

12

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A compreensão leitora, quando trabalhada sob uma perspectiva crítica e emancipadora, torna-se uma ferramenta poderosa para a transformação social e o desenvolvimento integral do indivíduo. Em se tratando de jovens e adultos, essa prática adquire um significado ainda mais profundo, pois proporciona aos estudantes não apenas o domínio técnico da leitura, mas também a capacidade de interpretar e questionar as estruturas sociais que constituem a sociedade.

Com base nas ideias dos autores apresentados, é evidente que a linguagem, o signo e a leitura são carregados de ideologias e intenções que refletem o contexto histórico e social. Nessa perspectiva, a alfabetização, vai além da decodificação de palavras, trata-se de um processo dinâmico e interativo que conecta o indivíduo ao mundo, promovendo o diálogo, a reflexão crítica e a ação transformadora.

Em todas as etapas da educação e, principalmente, na educação direcionada a jovens e adultos, é essencial que o educador adote práticas pedagógicas que valorizem o protagonismo do estudante, incentivando-o a “dizer sua palavra” e a se posicionar como agente de mudança em sua realidade. Por meio de uma abordagem que integra os aspectos técnicos, sociais e ideológicos da leitura, torna-se possível formar cidadãos conscientes, capazes de exercer plenamente sua cidadania e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A leitura, enquanto prática social e política, possui o poder de transformar indivíduos, ampliando sua compreensão sobre o mundo e despertando neles a capacidade de intervir e modificá-lo. Essa transformação ocorre por meio de uma práxis educativa que promove a liberdade e a humanização — princípios fundamentais que devem orientar toda ação pedagógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi explicitado, podemos dizer que os autores elencados neste estudo dialogam entre si, e corroboram sobre as práticas educativas relacionadas à compreensão leitora a partir da práxis. O trabalho pedagógico deve ser desenvolvido tendo o estudante como protagonista e a partir de suas vivências ampliar o conhecimento, caminhando para a formação integral desse estudante, que será capaz de se efetivar como cidadão partícipe e transformador da sociedade.

A intenção deste trabalho é, a partir dos conceitos apresentados e considerações que envolvem a compreensão leitora, suscitar reflexões e motivações em busca de proposições e ações que possam contribuir com a formação das pessoas que se encontram à margem da sociedade por não dominarem a leitura e a compreensão textual. É necessário o desenvolvimento de pesquisas que promovam comportamentos, atitudes e procedimentos que viabilizem a condução de uma prática pedagógica comprometida com a formação omnilateral.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 16. ed. São Paulo, 2014.
- COBUCCI, P; MACHADO, V. *Educação Linguística para Jovens e Adultos*. São Paulo: Contexto, 2023.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 88. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCUSCHI, L. A. Da fala para a escrita – atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SAVIANI, D. Escola e Democracia. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção educação contemporânea).

SOARES, M. Alfabetização e letramento. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.